

PARTE 2
MEMÓRIA

UMA DÉCADA DE HISTÓRIA DA PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS NA PUC MINAS*

Ângela Vaz Leão**

O Mestrado em Literaturas de Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais comemora, nesta reunião, a sua primeira década de existência. De 1989 para 1999, são dez anos. Número mágico, o 10. É ano de dar graças. É ano de louvor!

Esse começo de fala, lembrando que nos achamos num ano de louvor, se ainda não adivinharam, me foi inspirado pelas *Cantigas de Santa Maria*, de Afonso X, o Sábio, autor sempre presente em tudo quanto venho fazendo nos últimos tempos. Vivendo no século XIII, D. Afonso celebrou os milagres e cantou os louvores da Virgem Maria, não no seu castelhano nativo, mas em galego-português, língua de grande prestígio entre os poetas da Península. Os quatro manuscritos dessas *Cantigas* se conservaram perfeitos até os nossos dias, graças à intuição e à vontade de seu régio autor, que determinou fossem depositados junto ao seu esquife, na igreja em que o enterrassem. De dois deles a PUC Minas possui edição facsimilar: do manuscrito conhecido como “códice rico”, pertencente à Biblioteca do Escorial, e do manuscrito da Biblioteca Nacional de Florença. Os dois volumes, em *fac-simile*, foram negociados à distância com uma livraria espanhola e trazidos pelo próprio Reitor, Pe. Geraldo Magela Teixeira, para apoio a um grupo de pesquisa do Mestrado, que já trabalhava com esses textos, utilizando a edição crítica do filólogo alemão Walter Mettmann, feita sob os auspícios da Universidade de Coimbra, de 1959 a 1972. Como se sabe, as cantigas são seqüenciadas de modo a privilegiar o número 10. Aquelas que levam um algarismo da classe das unidades, de 1 a 9, são *cantigas de milagre*, enquanto as numeradas com dezenas inteiras – 10, 20, 30, etc. – são *cantigas de louvor*.

* Discurso proferido em sessão comemorativa realizada em 3/12/99, na Sala dos Conselhos da PUC Minas.

** Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Pois também tivemos, no nosso Mestrado, nove anos de trabalhos e de milagres, seguidos agora por um ano de louvor, o de número 10.

Mas como louvar o que não se conhece? E como conhecer bem alguma coisa sem lhe conhecer a história? Recuemos, pois, em busca dessa história, até um pouco antes do nascimento do nosso Curso de Mestrado, uma fase que pode ser considerada a sua pré-história.

Estávamos na década de 70, ou, mais precisamente, no ano de 1974. Nascia o Programa Regional de Especialização do Pessoal de Ensino Superior (Prepes), hoje Programa de Pós-graduação *Lato Sensu*, espalhando pelos quatro cantos do Brasil a consciência da necessidade de uma melhor capacitação docente e colocando a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como pioneira nacional dessa busca. Pressionado pelos primeiros participantes do Prepes, que já não se satisfaziam só com a especialização, o então Magnífico Reitor, Dom Serafim Fernandes de Araújo, em sessão pública, fez-lhes a promessa de um mestrado, confiando-me, a mim que era a Coordenadora Geral do Prepes, a tarefa de projetá-lo. Fiz sondagens e levantamentos de todos os fatores que pudessem autorizar a criação desse mestrado, limitando-me porém à área de Letras. Em vão! Tive que entregar a Dom Serafim um conjunto de documentos, com conclusão negativa, demonstrando que a PUC não estava ainda madura para a Pós-graduação *stricto sensu*.

Em 1978, aposentei-me no ensino privado. Afastei-me da PUC, com a sensação de lhe estar devendo alguma coisa: o mestrado que Dom Serafim me encarregara de projetar.

Passaram-se os anos. Estávamos já na década de 80 ou, mais precisamente, em 1987. Contava eu o tempo para a aposentadoria na UFMG, quando recebi um telefonema da Profa. Márcia Marques de Moraes, perguntando-me, da parte do então Reitor Pe. Lázaro de Assis Pinto, se eu aceitaria voltar para a PUC com a finalidade específica de projetar um mestrado em Letras. Respondi-lhe que sim, porém condicionalmente. Isto é, durante as férias-prêmio que tiraria na UFMG, poderia fazer estudos e sondagens, ficando a resposta definitiva para depois dos resultados. Com efeito, tirei as férias-prêmio e durante um semestre fizemos reuniões semanais de trabalho. Éramos um grupo de cinco pessoas: Márcia Marques de Moraes, Audemaro Taranto Goulart, Suely de Paula e Silva Lobo, Nádia Batella Gotlib (então professora visitante na UFMG), além de mim mesma. E no início de 1988, saiu o Anteprojeto do Mestrado em Letras, que viria a ser institucionalmente criado pela PUC.

Aposentei-me então na UFMG e voltei para a PUC Minas, definitivamente, sendo Reitor o Prof. Pe. Geraldo Magela Teixeira, e Pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação o Prof. Dr. Caio César Boschi. De ambos recebi todo o apoio necessário.

Em função da qualificação e do número dos professores doutores que a PUC conseguiu contratar, o Curso de Mestrado foi projetado com uma só área: Lite-

raturas de Língua Portuguesa. Submetido ao fino crivo da Capes, foi ele recomendado às agências de fomento em novembro de 1988, iniciando-se o Curso em março de 1989. O seu corpo docente constava de quatro professores doutores, exigência mínima da Capes para a recomendação do Curso. Comigo estavam Wilton Cardoso de Souza e Maria Luíza Ramos, logo substituída por Maria do Carmo Lanna Figueiredo, os três vindos da UFMG, e mais o Prof. Caio Boschi, que atuaria no domínio conexo.

Que especificidade tinha o nosso Curso? Em que se diferenciava do da UFMG e de outros congêneres? Dentre as sub-áreas envolvidas, sabíamos que a literatura brasileira se estudava em praticamente todos os cursos de mestrado brasileiros, assim como, em menor grau, a portuguesa, a partir do Renascimento. Procuramos algo de diferente. Propusemos, entre as sub-áreas, duas que dariam ao nosso Curso um perfil novo: as literaturas africanas de língua portuguesa e, dentro da literatura portuguesa, o estudo da Idade Média.

As literaturas africanas de língua portuguesa foram a nossa grande ousadia, o nosso grande desafio, pois não tínhamos – aliás toda Belo Horizonte não tinha, nem Minas Gerais tinha àquela época – sequer um professor com essa especialidade. Mas incluímos no anteprojeto uma exposição de motivos dirigida à Capes, na qual a PUC encarecia a importância dos estudos africanos para a compreensão da nossa cultura e, ao mesmo tempo, se comprometia a dar a essa sub-área, inicialmente com a colaboração de professores visitantes, o mesmo tratamento que daria às literaturas brasileira e portuguesa. Essa exposição de motivos mereceu confiança da parte da Capes, que recomendou o Curso, na sessão plenária de 25 de novembro de 1998. E de nossa parte, isto é, da parte da PUC, se bem se prometeu, melhor se fez. Foi compromisso assumido, compromisso cumprido!

No primeiro ano de funcionamento, 1989, já oferecíamos três atividades na sub-área de literaturas africanas: a aula inaugural e mais duas disciplinas. Em todas as três contamos com a colaboração inestimável de uma mesma pessoa, que proferiu a aula inaugural e ministrou as disciplinas. Refiro-me à Profa. Dra. Maria Aparecida Santilli, da USP, nossa amiga aqui presente. A PUC muito lhe deve, pois foi ela a inauguradora dos nossos estudos africanos. Ela merece os nossos agradecimentos, como madrinha perpétua dessa área.

No ano seguinte, tivemos dois outros africanistas como professores visitantes: o Prof. Dr. Benjamim Abdala Jr., da USP, que ministrou uma disciplina, e a Profa. Dra. Laura Cavalcanti Padilha, da UFF, que ministrou duas outras disciplinas e fez algumas conferências. Por essa época, isto é, no primeiro semestre de 1990, graças à mediação da Dra. Laura, entramos em contato com o Prof. Dr. Lourenço do Rosário, moçambicano ilustre, então professor da Universidade Nova de Lisboa, onde se havia doutorado. Daí para frente, o Prof. Lourenço, que hoje é professor da Uni-

versidade Eduardo Mondlane de Maputo, e Diretor do Fundo Bibliográfico dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (Palop), tornou-se o nosso professor visitante quase que oficial, tendo ministrado, em cursos concentrados de um mês, ao longo de oito períodos letivos, um total de oito disciplinas. Como se vê, manter essa sub-área sem interrupção foi trabalhoso e dispendioso. Foram anos de muita luta da PUC, algumas vezes com a ajuda das agências de fomento. Mas um dia, no início de 1995, veio o milagre. Como nas **Cantigas de Santa Maria!**

Esse milagre foi a integração de uma africanista no corpo docente permanente da PUC Minas, o que liberava a sub-área de Literaturas Africanas de sua dependência em relação a professores visitantes. A coisa se deu assim. A Profa. Dra. Maria Nazareth Soares Fonseca estava para aposentar-se na UFMG, onde trabalhava com literaturas francófonas da África e do Caribe. Com a autorização do Magnífico Reitor, Pe. Magela, convidei a Profa. Nazareth para integrar o nosso corpo docente. Para vencer a sua resistente modéstia, tive que argumentar. Ela justificava sua recusa inicial declarando nunca ter trabalhado com as literaturas africanas de língua portuguesa. E eu lhe retrucava que a transferência do conhecimento não seria problema e que, em pouco tempo, ela estaria senhora da nova área. Como? Era simples, por três razões, pelo menos. Primeiro, as literaturas francófonas e as literaturas lusófonas da África, a despeito de suas identidades individuais, teriam um substrato cultural comum ou muito próximo. Depois, não haveria problema de língua veicular, pois se tratava agora do português e não de uma língua estrangeira. E, finalmente, o *corpus* dessas literaturas lusófonas, pertencentes a países de independência recente, estaria em pouco tempo lido e analisado, pois devia ser menor do que o que então se publicava no Brasil em um só ano. Parece que os argumentos foram convincentes, pois a Profa. Nazareth veio para a PUC. O seu trabalho foi se afirmando a cada dia, até que essa sub-área disparou, literalmente. Deixo de mencionar o saldo da produção discente sob sua orientação, porque, por falta de tempo, não poderia fazer o mesmo com o trabalho de todos os outros professores, que, nas áreas respectivas, ostentam uma produção igualmente importante. O meu objetivo aqui foi apenas mostrar, primeiro, que a PUC cumpriu o seu compromisso com a Capes em relação às literaturas africanas, e, depois, que essa é uma das especificidades que delineiam o perfil do nosso Curso, tornando-o diferente de outros Mestrados em Letras.

O outro traço específico que nos marca a fisionomia são os estudos medievais, de que já falei no início, quando mencionei as **Cantigas de Santa Maria** de Afonso X. Com efeito, a Idade Média quase não se estudava mais, nas disciplinas lingüísticas e literárias dos currículos brasileiros. Vários fatores contribuíram e vinham contribuindo para afastar dos currículos de Letras qualquer unidade ou tópico referente ao Medievo. O primeiro desses fatores foi o desprezo pelos estudos históricos, que certas correntes lingüísticas de um passado mais ou menos recente trans-

mitiram aos alunos. Mas outros fatores também pesaram na balança: a redução da carga horária de Literatura Portuguesa, disciplina que por pouco não foi retirada dos currículos, por ocasião de uma proposta de reforma curricular, felizmente malograda; o despreparo dos alunos para a pesquisa diacrônica, principalmente em consequência da falta do latim; o fascínio acrítico exercido pela modernidade e pela pós-modernidade; a falácia de certos argumentos chovinistas e preconceituosos, segundo os quais a Idade Média nada teria a ver com o ensino brasileiro, pois, a essa época, o Brasil nem sequer tinha nascido; finalmente a alegação, de natureza pragmática, da inutilidade desse conhecimento para a vida de hoje. Tudo isso acabou por alijar dos currículos de Letras o estudo da literatura medieval portuguesa, fato contra o qual o nosso projeto de Mestrado quis reagir. A inclusão dos estudos medievais se deve a uma dupla convicção e a uma necessidade pessoal: primeiro, a convicção da importância de uma época que havia visto nascer muitas das instituições modernas, como, para citar apenas duas, as universidades e os estabelecimentos bancários; depois, a convicção de que no *continuum* do tempo se inscreve o *continuum* cultural, ficando o conhecimento do presente à mingua de base quando não se esteia sobre o conhecimento do passado; e, finalmente, a necessidade pessoal de poder eu mesma participar, de forma honesta, de um Mestrado em literatura, aproveitando a minha formação filológica, que compreendia as línguas e literaturas românicas na Idade Média.

Incluímos, pois, a Literatura Medieval Portuguesa como disciplina autônoma, isto é, como um destaque da Literatura Portuguesa. Ministradas duas disciplinas sobre a poesia trovadoresca galego-portuguesa, inclusive a poesia religiosa de D. Afonso, instalou-se, em fins de 1991, por sugestão dos alunos, o grupo de pesquisa das **Cantigas de Santa Maria**, que nasceu interdisciplinar, não só graças ao próprio conteúdo dessa poesia, mas também graças à presença de mestrandos que pertenciam ao corpo docente da graduação em diferentes áreas das Ciências Humanas. Essa ficou sendo a segunda peculiaridade do nosso Mestrado, em relação a outros do Estado e do País: uma disciplina de Literatura Medieval Portuguesa, que tem sido oferecida em todos os semestres já passados, com tópico variável.

Após esse parêntese, destinado a caracterizar o nosso Curso entre os seus congêneres, volto, pois, à sua história, iniciada com uma única área de concentração, no primeiro semestre de 1989. Com o mesmo esquema aprovado pela Capes, funcionamos durante seis anos e chegamos ao primeiro semestre de 1995. O ensino e a pesquisa não iam mal, a produção docente era ativa e de qualidade, a Capes nos avaliava com conceitos bastante favoráveis. Mas faltava algo ao Curso para que ele atingisse a sua plenitude acadêmica. O que lhe faltaria, concretamente? Precisávamos de mais intercâmbio acadêmico e, acima de tudo, precisávamos de canais nossos para a publicação da produção docente. Foi então, no final de 1995, que se criou o Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros (Cespuc), para cuja direção foi convidada em 1996, a

Profa. Dra. Lélia Maria Parreira Duarte, que, na UFMG, criou e dirigiu o Centro de Estudos Portugueses (Cesp).

O trabalho do Cespuc, em apenas quatro anos de atividade (de 1996 a 1999 inclusive) não pode ser avaliado por uma mera enumeração de realizações, porque a simples enumeração não mostra a qualidade. Mas, apenas para se ter uma idéia, citemos, entre outras atividades, as seguintes, realizadas até agora:

- criação da revista **Scripta** com quatro números já publicados;
- criação dos Cadernos Cespuc de Pesquisa, com seis números já publicados;
- realização de dois congressos internacionais: Estudos Africanos e Guimarães Rosa;
- realização de pelo menos cinco simpósios regionais e locais sobre Eça de Queirós, Machado de Assis, Pe. Antônio Vieira, Castro Alves, Belo Horizonte centenária – a cidade e seus escritores;
- realização do XVII Encontro de Professores Brasileiros de Literatura Portuguesa;
- várias conferências de professores visitantes sobre temas luso-afro-brasileiros;
- várias exposições relativas às culturas dos povos de língua portuguesa;
- realização de sete concursos de monografias sobre temas literários (graduação e pós-graduação);
- ativo intercâmbio com instituições de países lusófonos;
- carreamento de recursos bibliográficos de grande monta para a Biblioteca da PUC, incluindo principalmente doações de instituições portuguesas, como o Instituto Camões e a Fundação Gulbenkian.

Em uma palavra, o Cespuc veio realizar, para o Curso, um trabalho de extensão de alto nível, que nos põe em contato não só com a comunidade circundante mas com várias comunidades universitárias e para-universitárias deste e de outros continentes. Para 2001, já se preparam dois novos congressos internacionais: o II Seminário Internacional Guimarães Rosa, pelo Cespuc, e o IV Encontro Internacional de Estudos Medievais, pela Coordenação da Pós-graduação, em conjunto com a Associação Brasileira de Estudos Medievais (Abrem), com sede atual em São Paulo. Para anunciar essas atividades futuras da Pós-graduação e do Cespuc, teremos, ao final da programação de hoje, dois números artísticos: um conto de Guimarães Rosa, que será interpretado por uma contadora de histórias; e uma “cantiga de louvor” de Afonso X, que será cantada por uma professora da Pós-graduação.

Feito mais esse parêntese, volto novamente à história do Curso. Estávamos no primeiro semestre de 1995. A área de Literaturas de Língua Portuguesa já se po-

dia considerar consolidada, pois o corpo docente crescera, com a contratação de três novas professoras, Maria Nazareth Soares Fonseca, Lélia Maria Parreira Duarte e Ivete Lara Camargos Walty, respectivamente para Literaturas Africanas, para Literatura Portuguesa e para Teoria Literária. A produção docente era reconhecida no País, e a produção de dissertações, após um começo tímido, já ganhara uma curva ascendente. Nesse ínterim, os apelos da comunidade por uma área de Língua Portuguesa eram grandes, por um lado porque a maioria dos programas de pós-graduação do País haviam substituído os cursos de Língua Portuguesa pelos de Lingüística, e, por outro lado, porque a necessidade do estudo da língua nacional assumia um assustador caráter de premência, em todo o sistema de ensino brasileiro.

Foi então que, no segundo semestre de 1995, se criou a área de Língua Portuguesa em nível de Mestrado, voltada principalmente para a descrição do português contemporâneo. Para esse Mestrado vieram, em épocas diversas, quatro docentes já integrados na graduação: Maria Beatriz Nascimento Decat, Milton do Nascimento, Vanda de Oliveira Bittencourt e Johnny José Mafra, aos quais se juntaria, mais tarde, Maria de Lourdes Meirelles Matencio.

O corpo docente do Curso viria crescer, ainda, com o doutoramento de outros professores da graduação: Audemaro Taranto Goulart, Maria Suely de Paula e Silva Lobo, na sub-área literária; e Márcia Marques de Moraes, na sub-área lingüística. De fora da PUC, seria ainda contratada a Profa. Melânia Silva de Aguiar, pesquisadora no campo da crítica textual e da literatura brasileira.

Com as novas contratações e qualificações, que não foram simultâneas, registraram-se alguns progressos:

- criou-se uma linha de pesquisas lingüísticas aplicadas necessariamente à língua portuguesa;
- desenvolveram-se mais os estudos diacrônicos, com a introdução do latim;
- deu-se ênfase aos estudos relativos ao português arcaico;
- implementaram-se os estudos de crítica textual;
- e, principalmente, deu-se início ao planejamento do nível de doutorado, para o qual já vínhamos recebendo solicitações de várias procedências.

Assim, um salto se deu em 1997, quando apresentamos à Capes o Anteprojeto de Doutorado na primeira das áreas, Literaturas de Língua Portuguesa. A recomendação do Curso se deu no final daquele mesmo ano, após o quê, realizou-se o exame de seleção e iniciaram-se as aulas, em 1998. Passamos, assim, a ter um Programa de Pós-graduação em Letras, com os dois níveis da pós-graduação *stricto sensu*: Mestrado e Doutorado, na área das Literaturas; e Mestrado na área da Língua.

Ao mesmo tempo que se elaborava o Anteprojeto de Doutorado, procedeu-

se a uma redução e reestruturação das linhas de pesquisa, que resultaram em três para a área das Literaturas (Identidade e alteridade na literatura; Texto, gênese e memória; Modernidade e pós-modernidade na literatura) e duas para a área de Língua Portuguesa (Língua e discurso; Variação e mudança lingüística). A nova organização, com base no objeto formal e não no objeto material dos estudos (como ocorria na organização anterior), revelou-se mais econômica, mais abrangente e mais produtiva.

O saldo da produção discente do Mestrado, até o final deste ano de 1999, será de 67 dissertações, sendo 60 de Literaturas de Língua Portuguesa e 7 de Língua Portuguesa. Cerca de 10 outras deverão ser apresentadas até o final de fevereiro do próximo ano.¹ Quanto às teses de Doutorado, ainda não houve tempo para que se produzissem, mas há quatro em andamento.

Nesses dez anos, muita coisa mais se passou, uma delas penosa para nós: a partida do Prof. Wilton Cardoso de Sousa. Antes de concluir esta prestação de contas, quero render aqui uma homenagem à memória do Prof. Wilton, que esteve conosco desde os primeiros dias e que nos deixou, há pouco mais de um mês, carentes do seu saber e da sua amável presença. Façamos por ele um minuto de silêncio! (Pausa)

Antes de terminar, quero dizer uma palavra de agradecimento ao Magnífico Reitor, Pe. Geraldo Magela Teixeira, cujo apoio nunca nos faltou. Aos Pró-reitores, principalmente à Pró-reitora de Pesquisa e de Pós-graduação, Profa. Léa Guimarães Souki, e ao seu antecessor, Prof. Caio Boschi. À Pró-reitora de Execução Administrativa, Profa. Ângela Maria Marques Cupertino; ao Pró-reitor de Extensão, Prof. Bonifácio José Teixeira; ao Consultor Jurídico, Prof. Oscar Vieira da Silva. Também não posso calar o nosso agradecimento à Biblioteca, à Gráfica, à Divisão Financeira, à Prefeitura, enfim a todos os serviços da PUC Minas. De um modo especial, agradeço a cooperação de três dedicadas funcionárias, Vera Lúcia Mageste Salles Alves e Marieta Cardinali de Assis Ribeiro, que dão sustentação ao trabalho da Coordenação e do Colegiado do Programa, e Maria Cristina Araújo Rabelo, que dá apoio às atividades da Diretoria do Cespuc. Finalmente, agradeço aos meus colegas a sua colaboração inestimável, sem a qual nem consigo imaginar como teria sido pobre o nosso Mestrado. Recordo os seus nomes, agora pela ordem alfabética: Audemaro, Ivete, Johnny, Lélia, Márcia, Maria Beatriz, Maria do Carmo, Maria de Lourdes, Maria Nazareth, Melânia, Milton, Suely e Vanda – quase todos meus ex-alunos. Muito obrigada a vocês, queridos colegas!

¹ A atualização desses dados até o fim do ano de 2000 nos dá os seguintes resultados: 88 dissertações, sendo 73 na sub-área de Literaturas e 15 na área de Língua Portuguesa.

Esse é um balanço rápido dos dez anos de funcionamento do nosso primeiro Curso de Mestrado e do seu encaminhamento para a constituição do Programa que hoje temos. Ano de louvor, nós o celebramos com esta sessão, que se encerrará pela anunciada **Cantiga de Santa Maria**, de D. Afonso X, o Sábio, da segunda metade do século XIII, e por um conto dos nossos dias, de Guimarães Rosa. Ouviremos a Cantiga medieval na voz da Profa. Vanda de Oliveira Bittencourt, que se fará acompanhar ao violão por um de nossos mestrandos, o Maestro Sérgio Antônio Canedo. Já o conto de Guimarães Rosa será apresentado pela contadora de histórias Ivana Calado. Com as duas execuções finais, queremos também, como já disse, prenunciar dois congressos internacionais que se realizarão em 2001: o IV Encontro Internacional de Estudos Medievais, em parceria com a Associação Brasileira de Estudos Medievais, e o II Seminário Internacional Guimarães Rosa, iniciativa do Cespuc, que se empenha em instaurar, na PUC Minas, uma tradição de congressos rosianos.

Como se vê, temos um olho voltado para o passado, pois as instituições que não prezam a sua própria história e a grande História onde estão inseridas não sobrevivem. Mas também temos o outro olho voltado para o futuro, pois as instituições que não o encaram de frente estão fadadas a estagnar.

Que Deus nos ajude!

Muito obrigada a todos!